

A VIDA HUMANA E SUA IMORTALIDADE: A PERSPECTIVA NEOATEÍSTA

THE HUMAN LIFE AND ITS IMMORTALITY: THE NEW-ATHEIST PERSPECTIVE

Leonardo Vasconcelos de Castro Moreira¹

Resumo: Com o processo de secularização e a liberdade de crença e descrença, novos movimentos sociais têm voz na esfera pública. Discursos que vão de encontro às grandes religiões, apesar de nem sempre bem vistos pelo grande público, se tornaram mais comuns. Nenhum grupo conseguiu tanta exposição como os neoateus, especialmente através de sua figura mais ilustre, o biólogo da Universidade de Oxford Richard Dawkins. Porém, o discurso do neoateísmo traz em si não só meros ataques às religiões, mas também um apelo ao imaginário popular e algumas possibilidades de transcendência. Neste artigo, trataremos sobre meios possíveis de imortalidade seculares, que advém da cosmovisão dos neoateus, ligada aos replicadores – genes e memes – que atendem aos anseios da espécie e do indivíduo.

Palavras-chave: Neoateísmo, genes, memes, imortalidade

Abstract: With the secularization process and the freedom of belief and disbelief, new social movements arose in the public sphere. Discourses that go against the best-known religions became more common, even when the great public do not see this as positive. No group was able to have so much exposure as the new-atheist, especially with the more notable figure, the biologist from University of Oxford Richard Dawkins. Nonetheless, the new-atheism's discourse brings in itself not only attacks to religion, but also an appeal to the popular thinking and a few possibilities of transcending. In this paper, we will discuss the possible means of secular immortalities that came from the new-atheists worldview, which have connections with the replicators – genes and memes – and do attend the needs of the species and of the individual.

Keywords: New-atheism, genes, memes, immortality

O movimento neoateísta é hoje o expoente mais ilustre do ateísmo ocidental. Nos últimos anos, esse grupo produziu diversos livros, debates e documentários direcionados ao combate das ideias e instituições religiosas. Seus principais expoentes são conhecidos pela alcunha de quatro cavaleiros do neoateísmo: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade de Warwick. isbreginthehole@hotmail.com

Hitchens e Sam Harris. Dos quatro, dois possuem uma vinculação direta com a explosão do fenômeno da divulgação científica nas últimas décadas do século XX: Dawkins e Dennett. O já falecido Hitchens foi um ácido jornalista que discutiu diversos temas de maneira polêmica, principalmente religião, política e literatura. Harris veio ao conhecimento do grande público com seu livro *A morte da fé* (2004) e pode ser considerado, apesar de mais novo que os outros membros desse grupo, o fundador original do movimento. A motivação de Harris ao escrever seu livro é clara na própria contracapa da obra: os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001. Em um período posterior às discussões antirreligiosas iniciadas por ele, Dawkins também lançou seu livro *Deus, um delírio* (2006) que tinha como a temática única o ataque às religiões e a argumentos em prol das mesmas – e até a posições seculares divergentes, como o agnosticismo. Em um momento próximo Hitchens lança o livro *Deus não é grande* (2007) e Dennett por sua vez publica o *Quebrando o encanto* (2011), ambos direcionados à desconstrução dos argumentos religiosos. Podemos definir como o marco inicial do neoateísmo os escombros de 11 de Setembro, já que foi no período posterior ao ataque que o sentimento antirreligioso desses autores se materializou de forma mais veemente, principalmente em relação às grandes religiões monoteístas.

Foi somente no ano de 2006, que a revista *Wired*² cunhou pela primeira vez o termo neoateísmo para designar especificamente as obras de Harris e Dawkins. Com a enorme exposição dessas obras, inúmeras opiniões contrárias vieram à tona para defender a religião do discurso antirreligioso propagado por esses autores. O foco da maioria dos críticos do neoateísmo está na pobreza de entendimento teológico dos autores e na construção de valores que estão para além da ciência. Exemplos de autores que sustentam esses argumentos contrários são Alister McGrath (2004) e Terry Eagleton (2009). Segundo esses autores, há um reducionismo de Dawkins em relação aos religiosos em geral (MCGRATH, 2004, p. 158) e sentimento de superioridade cultural em relação ao Islã (EAGLETON, 2009, p. 104), que não só está para além da crítica embasada da religião, como também alinhado a conotações políticas conflituosas entre Ocidente e Oriente. A linha que seguirei neste artigo é parecida com a dos autores, porém sem relação com a defesa de Deus ou tentativa imbricar noções imperialistas ao pensamento neoateu; a questão aqui abordada será o neoateísmo como um movimento que

² No artigo *Church of nonbelievers* disponível em: http://www.wired.com/wired/archive/14.11/atheism.html?pg=2&topic=atheism&topic_set= . Acesso em 15/07/2015.

possui valores e uma cosmovisão para além da ciência³. Não obstante, como a temática desse artigo tem seu cerne no tema da morte e da imortalidade, o foco principal estará nas possibilidades que o movimento traz para a superação da morte. Dividirei o artigo em duas partes; a primeira abordará visão neodarwinista dos autores no que concerne à superação da morte como algo relativo ao continuísmo da espécie, ou seja, algo que rompe com o fim inexorável da mesma por meio da própria condição de replicador de genes do ser humano. A segunda parte estará voltada para a questão dos memes e da consciência, assuntos que recaem na parte humanista/secular da visão de mundo desses autores, com a definição do homem de maneira distinta dos animais, exatamente pela sua capacidade de ser uma máquina produtora e replicadora eficiente de memes.

A morte para os neoateus

O debate acerca da morte dentro do pensamento cético/descrente não é algo novo, ele vem bem antes dos neoateus. Cerca de três séculos antes de Cristo, uma das frases mais famosas do filósofo grego Epicuro está diretamente relacionada com a questão da morte, de uma maneira que diferencia o indivíduo vivo como ente consciente, do morto que já não possui a consciência de sua existência: “(...) *while we exist death is not present, and when death is present we no longer exist. It is therefore nothing either to the living or to the dead, since it is not present to the living, and the dead no longer are.*” (EPICURO, 1964, p. 54)⁴.

A grande questão epicuriana está no ser, como ente vivo. Sem vida não há o ser. A despreocupação com o além-vida era notória, tendo em vista que a passagem fazia com que ele não fosse mais o mesmo. A aceitação da morte está na sua separação em relação à vida, já que o ser e o não ser são, respectivamente, vida e morte. O processo de aceitação com a morte é livre de um enaltecimento ou de uma preocupação; o juízo de valor em relação à mesma em uma dualidade bom/mal é inexistente. Entretanto, não há só esse tipo de herança dentro do pensamento desprente/ateu em sua história. Um grande exemplo é a discussão da morte pelo

³ Abordo o assunto de maneira mais categórica em minha dissertação de mestrado: *Ainda encantados? Neoateísmo e o desencantamento do mundo*. A mesma foi defendida no ano de 2014 no programa de Ciências da Religião da PUC-SP e se encontra disponível no banco de dados da universidade onde foi defendida e em minha página do academia.edu:

https://www.academia.edu/9313342/Ainda_Encantados_Neoate%C3%ADsmo_e_Desencantamento_do_Mundo

. Acesso em 05/03/2016.

⁴ “(...) enquanto existimos a morte não está presente, e quando a morte está presente nós não existimos mais. Ela não é, portanto, nada para o vivo ou para morto, sendo que não está presente em quem vive, e os mortos não mais são”. Tradução própria.

filósofo alemão Friedrich Nietzsche em sua obra *Ecce Homo* (1979). Nietzsche entende a morte como algo que segue uma linha parecida com a cristã (BURLEY, 2012), pois através da aceitação do seu destino, com a expressão *amor fati*⁵, a perspectiva transita para algo mais importante que na ótica epicuriana. Não há mais uma despreocupação com a morte. A visão nietzschiana traz as boas-vindas para a morte em sua relação com a vida: elas se complementam. Abraçar a vida em sua completude é entender a morte como um processo intrínseco e natural ao homem. Mikel Burley (2012, p. 544) entende a perspectiva de Nietzsche em relação ao assunto como algo que pode encontrar certa similaridade com a morte como um dom (em inglês *gift*) cristão. Não há um mundo eterno à espera do homem no paraíso, mas a morte tem a sua fundamental importância na completude humana, primeiramente como rito de passagem para o paraíso – no cristianismo – e agora como algo que torna o humano, demasiado humano, completo.

As reflexões dos neoateus em relação ao tema são um pouco dissonantes em um sentido mais *stricto*, mas podemos aproxima-los da perspectiva de Epicuro e de Nietzsche em relação à morte no sentido *lato*. Hitchens é o que passa mais perto de Nietzsche em sua autobiografia *Hitch-22* (2010) ao entender a vida como uma festa que precisa ter um fim. Todo evento, por melhor que seja, quando se torna um espetáculo infinito tende ao tédio (2010, p. 454). Imaginar uma vida eterna torna-se não só uma forma de romper um ciclo, mas também uma forma de torna-lo extremamente enfadonho e até sem propósito. Sam Harris em um de seus vídeos no canal *Big Think*⁶ analisa a morte como uma ferramenta pedagógica para o ensino do luto, atacando assim o discurso religioso que dá ao indivíduo uma forma de conforto através reagrupamento com os entes queridos no além-vida. A morte passa a ter a função de um conhecimento da vida como ela é. A plenitude do entendimento humano em relação a si mesmo perpassa também pela aceitação da mesma como um fato que impossibilita um modo transcendental de rever alguém que já foi ou de que tudo voltará a ser como antes. A vida flui, e a verdadeira importância é o entendimento da morte como um fato natural e sem estórias que imortalizem o indivíduo.

Dawkins por sua vez prefere deixar a morte de lado para falar da vida uma de suas passagens mais famosas de *Desvendando o arco-íris* (2011a, p. 17), algo que pode ser alinhado de certa forma à despreocupação epicuriana. Dawkins fala da improbabilidade biológica de termos nascido, a nossa existência é estatisticamente um milagre, pois inúmeros

⁵ Ame o fato, ou destino, em italiano.

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d_Uahu9XNzU. Acesso: 15/07/2015.

espermatozoides poderiam ter fecundado o óvulo no nosso lugar. Portanto, ao invés de abraçar o fim da vida como natural e dar a ela uma forma de inclusão e completude em relação ao viver, Dawkins prefere focar na dificuldade da existência em si. A morte é deixada de lado, para o enaltecimento do milagre da vida. O importante é aproveitar o momento que nossa consciência nos permite viver, sentir e entender o mundo.

Destaquei acima os diferentes discursos nos autores, mas vale fazer um adendo. Eles provavelmente corroborariam com as perspectivas uns dos outros. A morte como algo natural, a vida como passageira e o entendimento e que essa última precisa ser aproveitada está dentro perspectiva naturalista que todos os autores possuem. O fim da vida não só faz parte de nós como humanos, mas também se alinha ao nosso papel dentro da natureza. O ser humano é diferente, porém igual. Sem entendermos essa perspectiva dos neoateus, que coloca muitas vezes os humanos em pé de igualdade com outros seres vivos – com algumas exceções que serão abordadas mais adiante – a possibilidade de continuidade da espécie ficaria impossível no que concerne aos genes.

A (quase) imortalidade dos genes

Charles Darwin foi pioneiro ao elaborar formulações relativas à ancestralidade do homem, rompendo de certa maneira com as atribuições humanistas que davam ao homem um caráter especial dentro da natureza. A tradição cética em relação às origens não espirituais do homem já encontra uma base na filosofia atomista de Epicuro e em Lucrecio que entendiam a morte como o fim da alma humana. Não há como descartar também o ceticismo advindo da filosofia natural de Barão de Holbach no século XVIII, que retirava causas metafísicas dos “sistemas natureza”, além de muitas outras referências. Darwin teve todo um background cético não só para retirar o caráter nobre dos homens em relação aos outros seres vivos (FULLER, 2011, p. 10), mas também para entender a natureza como desatrelada de causas e fenômenos sobrenaturais.

A influência do pensamento de Darwin no neoateísmo é gigantesca. Na verdade, desde antes do surgimento de um discurso mais beligerante em relação às religiões após o 11 de Setembro, já existia a influência darwinista no que podemos entender como o movimento anterior que possui relação direta com neoateísmo: a divulgação científica da segunda metade do século XX. Carl Sagan foi o maior expoente desse movimento. Apesar de ser mais ligado ao agnosticismo do que ao ateísmo em si, o ceticismo de Sagan principalmente na obra *O mundo*

assombrado pelos demônios (1997) é notório, já que a proposta do livro é “desmascarar” algumas crenças da Nova Era: UFOs, comunicação com alienígenas, espíritos, entre outros. Não obstante, já em Sagan e no próprio Richard Dawkins dos anos de 1970 e 1980 existia uma formulação para além da divulgação científica ou do mero desencantamento do mundo; o saber científico acaba possuindo ligações com uma verdade revelada. A verdade científica seria uma vela na escuridão. Gregory Schrempp (2012) faz uma ligação com a reencarnação do mito de Prometeu que rouba o conhecimento dos deuses e é punido por isso, mas ao invés de enxergar a divulgação científica como algo que acabe com os mitos, ele observa justamente o contrário. Schrempp entende que é fácil para divulgação científica acabar com o herói – no caso Prometeu –, mas o pensamento mítico muitas vezes se mantém nas narrativas dos divulgadores científicos. Não entrando no mérito do conhecimento perfeito ser ou não algo divino, o que inspira essa verdade científica parece estar alinhado com a verdade revelada. Algo que não é novo, já que o filósofo Immanuel Kant liga o entendimento de Deus como um postulado necessário para a ciência funcionar (*apud* FULLER, 2012, p. 15), sendo que a mesma busca, ao menos em tese, a perfeição. É claro que o método científico para chegar a uma conclusão precisa passar por um crivo muito grande, mas como Schrempp observa, a ciência perde seu caráter meramente descritivo da realidade e passa a disputar verdades com narrativas míticas (2012, p. 224). Isso fica claro nos embates entre Stephen Jay Gould e Dawkins sobre a questão de religião e ciência possuírem ou não *NOMA* (*non overlapping magisteria*). Enquanto Gould defendia que religião e ciência fazem proposições em campos separados de conhecimento, Dawkins é enfático em dizer que as duas muitas vezes discutem as mesmas coisas (2011a, p. 86). Sendo assim, o ceticismo darwinista que o neoateísmo possui como um de suas maiores características, já possuía uma base dentro da divulgação científica.

George Levine entende que não é só de desencantamento do mundo que o darwinismo vive. O foco de Levine em seu livro *Darwin loves you* (2006) está exatamente no re-encantamento do biólogo vitoriano em relação à natureza; o entender das leis naturais seria uma forma mágica e que não traria a perda de sentido ou o vazio espiritual observado pelo sociólogo alemão Max Weber (Levine, 2006, p. xiii). É exatamente no ponto de re-encantamento via natureza e na sensação de pertencimento ao mundo natural de Darwin, que a divulgação científica iria se espelhar anos mais tarde. Entretanto, as propostas da divulgação científica durante a parte final do século XX foram atualizadas em relação ao darwinismo inicial. Um exemplo é o entendimento de que somos feitos da mesma matéria das estrelas, ao que ficou

mundialmente conhecido através da frase *We are made of stardust*⁷ de Carl Sagan na série televisiva *Cosmos*. Já no século XXI, o astrofísico Neil DeGrasse Tyson segue a lógica de Sagan ao afirmar que o ser humano faz parte do universo, não sendo nem melhor nem pior que o mesmo⁸. Aquilo que Darwin fez primeiramente com os seres vivos, colocando os mesmos em uma enorme árvore da vida, a divulgação científica elevou para todo o universo. Schrempf (2012) entende esse fenômeno como um compensador dos seguidores da divulgação científica, o que ele chama especificamente de parentesco cósmico. Há um sentimento de pertencimento ao todo, algo que para Claude Levi-Strauss (1987) está mais próximo do pensamento mítico do que do científico.

Como entender a imortalidade dentro dessa lógica naturalista? Os seres humanos são vistos como máquinas replicadoras de genes egoístas do ponto de vista biológico, o que faz com que a existência humana na perspectiva biológica seja subjugada aos mesmos. Sendo assim, a imortalidade que realmente interessa é a dos genes. O próprio Dawkins resume esse ponto de vista: “Quando tivermos cumprido a nossa missão, seremos descartados. Os genes, porém, são cidadãos do tempo geológico: os genes são para sempre” (DAWKINS, 2011b, pp. 88-89). A possibilidade de um continuísmo faz com que a importância do homem seja relegada a um segundo plano. Os genes são vistos como carregadores de informação, biológica no caso, que têm como o papel egoísta a transmissão dessas informações nesse contexto. Não é só Dawkins dentro do grupo dos neoateus que segue essa linha, Christopher Hitchens em sua biografia também chega perto de atrelar a imortalidade à paternidade ao entender seu primeiro filho como “diretor do meu funeral” (2010, p. 454). A frase célebre dos funerais em países de língua inglesa em que há a citação de *is survived by*⁹, normalmente atrelada a cônjuges, e, principalmente a filhos, nunca fez tanto sentido. Dennett (1995) segue a mesma linha ao tratar a replicação dos genes como algoritmos que sempre possuem um resultado, ou seja, a sobrevivência dos genes depende inteiramente do seu continuísmo. O homem passa a ser visto como uma máquina replicadora que se torna (quase) imortal através da reprodução de seus genes, mesmo que o indivíduo em si seja pouco importante. A função de mediador da criação de outro indivíduo é até mais importante nessa perspectiva – da sobrevivência da espécie – do

⁷ “Nós somos feitos de material das estrelas”. Tradução própria.

⁸ Em: <https://www.youtube.com/watch?v=QADMMmU6ab8>. Acesso: 15/07/2015.

⁹ A tradução exata dessa frase no português seria “é sobrevivido por”. O sentido exato é que os entes do falecido carregam de certa maneira o seu legado.

que a vida daquele que possui os genes originalmente. Sem replicação não há continuidade da vida e, conseqüentemente, não há a imortalidade dos genes.

Darwinismo universal para além da biologia: sociobiologia em xeque

Antes da análise de outras propostas de imortalidade do pensamento neoateu, faz-se necessário entender como a visão de mundo desses autores supera a proposta explicativa de Darwin dentro da biologia. O teólogo Alister McGrath (2004, p. 12) observa como Dawkins em seu primeiro livro já entende o darwinismo como para além da biologia, sendo uma teoria/filosofia de aplicação universal. Entretanto, é em *O relojoeiro cego*, lançado originalmente em 1986, que a questão fica mais clara. Dawkins observa no livro a necessidade de Darwin e de sua teoria para a justificação do ateísmo como algo satisfatório do ponto de vista intelectual (DAWKINS, 2013, p. 25). Por isso, há um respeito intelectual de Dawkins por todos aqueles que tentaram explicar a formação da vida, em específico William Paley, que foi um dos postuladores da necessidade de um ente superior para a criação de algo inferior. O ponto do livro é o rompimento com o ceticismo *per si*, além é claro da substituição da visão de Paley, dando assim a possibilidade de um ser mais simples ser capaz de evoluir através dos princípios (neo)darwinistas. David Humme é um dos citados nominalmente por Dawkins (2013, p. 24) como alguém que refutou a possibilidade de ação sobrenatural na natureza, mas que não fez nenhum postulado para além do desencantar. É somente Darwin que traz à luz uma explicação cética sobre a origem das diversas espécies.

A satisfação intelectual dos neoateus precisa do postulado darwinista. Com isso, há uma fuga do escopo explicativo de uma teoria científica, para o início de uma nova visão de mundo. O darwinismo universal passa a tomar forma dentro do pensamento neoateu de maneira mais substancial. Dennett (1995, p. 514) chamaria a teoria de Darwin de ácido universal, em analogia ao componente químico que seria capaz de dissolver todos os materiais existentes. No caso do darwinismo várias visões de mundo seriam corroídas, sejam elas filosóficas, científicas ou religiosas. A ideia de um criador foi a primeira a ser dissolvida. No entanto, as implicações são maiores. Como bem observa Stephen LeDrew (2012, p. 82), posteriormente os neoateus analisariam as religiões também sob a ótica darwinista, como algo que teve sua importância em algum ponto da evolução humana, mas que hoje deveria ser superada. O contexto sociocultural é deixado de lado e todas as crenças em entes metafísicos e/ou religiosos são enxergadas sob a perspectiva darwinista. A ciência surge como um substitutivo da religião, pois possui a

capacidade de definir o que é bom ou ruim, moral ou imoral. O livro de Sam Harris *The Moral Landscape* (2010) é a tentativa de propor uma moralidade científica, com muita influência do positivismo, ao abandonar fases religiosas consideradas de retrocesso e satisfazer a visão de mundo dos leitores com premissas advindas da ciência.

Há um problema nessa visão que precisa de uma reformulação melhor. Como explicar comportamentos humanos que não são proveitosos para os genes, através da teoria base do neoateísmo? Por exemplo, se o celibato não tem nenhuma função de replicação de genes egoístas, como essa prática tornou-se corriqueira dentro do meio católico? Isso vai de encontro aos postulados da sociobiologia de Edward Osborne Wilson (1980) que atrela todo comportamento social, humano ou não, a serviço dos genes. O limite da sociobiologia em relação à explicação contraproducente dos genes faz com que o darwinismo perca sua capacidade de explicação em outras esferas? Absolutamente não. É hora da criação de novos replicadores, para além dos genes, que sejam capazes de dar conta da cultura, das ideias e que sejam transcendentais.

Memes e upload da consciência: da hereditariedade ao transhumanismo

Se os genes não conseguem explicar sozinhos todas as atividades humanas, principalmente as sociais, há a necessidade de algo novo que se desvincule da sociobiologia. A preocupação de Dawkins com o tema rendeu em *O gene egoísta* a criação de um novo conceito que poderia explicar como ideias e comportamentos humanos se espalham. O nome meme foi escolhido para dar conta da nova ideia de Dawkins; primeiro pela proximidade sonora e escrita com a palavra gene, segundo por remeter à palavra do grego antigo *mimeme* que define algo imitado e terceiro por ser igual à palavra francesa *meme* que significa memória (DAWKINS, 2011b, p. 330). Sendo assim, o biólogo britânico possuía uma nomenclatura para sua ideia de um novo replicador. O dicionário de Oxford define – excluindo é claro a segunda definição ligada às imagens e vídeos que ficaram famosas nas últimas décadas nas redes sociais – os memes como:

A cultural element or behavioral trait whose transmission and consequent persistence in a population, although occurring by non-genetic means (esp. imitation), is considered as analogous to the inheritance of a gene^{10,11}

Portanto, há agora a replicação de informação – de práticas e elementos culturais – via imitação.

Posteriormente, Dawkins abordaria novamente a maneira como os memes se espalham em analogia aos vírus; eles seriam vírus da mente. Os casos específicos abordados por ele em seu pequeno texto *The viruses of the mind* (1991) são as ideias religiosas que trazem malefícios e continuam a serem reproduzidas, mesmo com a existência de opções mais pacíficas e produtoras socialmente. A capacidade explicativa dos novos replicadores – agora sociais – bate de frente com a sociobiologia de Wilson, mas não explica ainda como essas ideias ou práticas contraproducentes surgem para começo de conversa. Quem dá a resposta e se aprofunda na temática é Susan Blackmore, que entende o surgimento de práticas que não beneficiam de fato os seres humanos terem sido replicadas, pois a real sobrevivência dos memes não depende do seu real benefício. Os replicadores sociais precisam parecer benéficos e não serem benéficos de fato (BLACKMORE, 1999, p. 43). Robert Aunger resume os memes como ideias que são replicadas e possuem uma tendência a agir em benefício delas mesmas – o que podemos alinhar com os genes egoístas de Dawkins – o que pode acarretar um conflito entre os memes e as necessidades biológicas; o indivíduo passa a agir como um hospedeiro (AUNGER, 2000, p. 2). Blackmore vai ainda além e tenta fazer do ser humano uma máquina do meme e atrela vários episódios do desenvolvimento social à capacidade de imitação humana. A imitação seria algo que nos separou dos outros animais, ou seja, o ser humano é definido como tal pela sua capacidade de imitação.

Os memes muitas vezes não se espalham sozinhos. As ideias ou práticas imitadas precisam estar adaptadas a um meio favorável às mesmas. Há sempre a necessidade de um contexto social favorável à determinada replicação, e com isso os memes conseguem evoluir de maneira conjunta, formando o que Dawkins primeiramente chama de *coadapted meme complex*¹². Posteriormente, rebatizados de memplexos (BLACKMORE, 1999, p. 19). Portanto, agora há o conjunto de práticas e ideias imitadas, que perpassam de geração a geração de maneira análoga aos genes, com replicação e mutações ocasionais. A religião pode ser

¹⁰ In: <http://www.oed.com/>. Acesso: 15/07/2015.

¹¹ “Um elemento cultural ou traço comportamental que sua transmissão e persistência na população, mesmo ocorrendo por meios não-genéticos (imitação) é considerado análogo à hereditariedade dos genes”. Tradução própria.

¹² “Complexo de memes coadaptados”. Tradução própria.

explicada desta maneira, pois possui ideias centrais que são repetidas, esquecidas e retomadas, além de muitas vezes sofrerem transformações com a mudança de condições – com o contato de missionários em uma cultura diferente, por exemplo. Dawkins e Blackmore estão cientes das críticas sofridas em relação ao conceito, principalmente pela impossibilidade de observação dos memes em laboratório. Polêmicas e críticas à parte, o que é de se destacar para buscarmos a imortalidade dentro do pensamento neoateu é exatamente a característica de imitação como algo que transcende a morte.

A possibilidade do transcender da morte através de uma herança, principalmente das ideias, não é algo novo. Profetas, filósofos, cientistas e escritores em geral são seguidos muitas vezes de maneira fiel por terceiros, mesmo que com algumas nuances no que eles deixaram realmente de legado. Dawkins afirma de maneira categórica a importância dos memes para transcender a morte e se tornar de fato um imortal através de sua herança intelectual:

Não devemos buscar a imortalidade. (...) No entanto, se contribuirmos para o patrimônio cultural do mundo, ou seja, se tivermos uma boa ideia, compusermos uma canção, inventarmos uma vela de ignição, escrevermos um poema, pode ser que a nossa contribuição sobreviva, intacta, muito depois que os nossos genes tiverem se dissolvido no *pool* comum de genes. Pode ser que Sócrates tenha um ou dois genes vivos no mundo de hoje, mas, como observou G. C. Williams, que interesse isso tem? Em contrapartida, os complexos de memes de Sócrates, Leonardo da Vinci, Copérnico e Marconi continuam em pleno vigor (DAWKINS, 2011b, p. 341).

Dennett observa a necessidade do que ele chama de veículos dos memes – livros, discos, quadros, ditos – para que os mesmos possam se espalhar (DENNETT, 1991, p. 204), algo que todos os citados por Dawkins na passagem acima tiveram de utilizar. Sendo assim, o caráter de salvação dos memes está para além do ser humano como parte da natureza. O pós-humanismo darwinista representado pela sociobiologia é superado; o que nos torna diferente é a nossa capacidade de deixar um legado para ser aprendido e imitado. Dawkins (2011b, p. 343) afirma ainda que a nossa capacidade de racionalizar faz com que sejamos os únicos a possuímos a capacidade de nos libertarmos dos dois replicadores – genes e memes, mas ainda assim é o legado deixado que ao ser repetido, será capaz de fazer alguém imortal. Sendo assim, a imortalidade tem duas vias. A primeira é o caráter genético que faz com que o indivíduo dê continuidade à sua espécie, sendo um intermediário pertencente à enorme árvore da vida tão importante quanto os outros membros que constituem a mesma. Entretanto, é a segunda imortalidade que dá certa forma de transcendência ao homem, não como ente biológico, mas em suas individualidades, seja nas suas práticas, seja no pensamento e entendimento de mundo. O fantasma dos grandes nomes do passado ainda ronda o presente através das suas contribuições para a posterioridade, o que no caso do neoateísmo se confirma principalmente com a retomada

a todo instante do pensamento de Darwin, alçando o mesmo a uma visão de mundo. A imortalidade neoateia, seja do homem como parte da natureza ou de suas características individuais está relacionada à hereditariedade, tanto dos genes como dos memes.

Como todo memplexo possui várias ideias que evoluem de maneira conjunta, não fica difícil imaginar qual seria o próximo passo a ser proposto pelos novos ateus. Levando em conta que os neoateus não acreditam em alma ou qualquer tipo de proposta de imortalidade supra-humana no sentido metafísico do termo e, ainda atrelam toda à experiência humana ao (neo)darwinismo; a consciência humana não passa de matéria sob essa perspectiva. Abre-se então uma terceira possibilidade de imortalidade que está ligada à consciência que em parte é também ligada aos memes, se nós levarmos em conta as propostas de Blackmore. A questão da materialidade da consciência traz a possibilidade, ainda não tão próxima de ser desenvolvida pela ciência, de um upload do que torna o homem um indivíduo: de suas ideias. Dennett resume a questão em *Conscious explained*:

If what you are is that organization of information that has structured your body's control system (or, to put it in its more usual provocative form, if what you are is the program that runs on your brain's computer), then you could in principle survive the death of your body as intact as a program can survive the destruction of the computer on which it was created and first run. (...) if it is potential immortality you hanker for, the alternatives are simply indefensible (DENNETT, 1991, p. 430).¹³

Dennett já aponta para a ruptura da necessidade de uma forma de hereditariedade para que a imortalidade seja alcançada. Os neoateus sendo entusiastas de novos descobrimentos técnico-científicos parecem abraçar também o transhumanismo, que é a fusão do homem com a tecnologia. Entretanto, como ainda não há uma tecnologia que permita esse processo de conservação da consciência do indivíduo para além de seu corpo biológico, os genes e os memes através de sua hereditariedade terão de dar conta do recado; a imortalidade naturalista ainda é mais importante do que a transhumana hoje, pois é a única disponível de fato.

Conclusão

Apesar de trazerem muitas vezes um discurso materialista com a função de desencantar e refutar práticas e premissas religiosas, o grupo dos neoateus consegue criar discursos que

¹³ “Se o que você é, é essa organização ou informação que estruturou o sistema de controle do seu corpo (ou, para colocar na forma mais usualmente provocativa, se você é, é aquilo que comanda o seu computador cerebral), então você pode em princípio, sobreviver à morte do seu corpo de maneira intacta, como um programa pode sobreviver à destruição do computador em onde ele foi criado primeiramente. (...) se é imortalidade que você anseia, as alternativas são simplesmente indefensáveis”. Tradução própria.

possibilitam aos seus seguidores uma espécie de visão compensatória de mundo. Dentro dessa visão de mundo há possibilidades de imortalidade, não no sentido religioso de salvação do indivíduo, como por exemplo, a ida da alma ao encontro com Deus e entes queridos em uma vida eterna. A continuidade do indivíduo vem através da hereditariedade de informações, primeiramente com a função de intermediário dentro da grande árvore da vida, que com a reprodução torna o ser humano um agente capaz de cumprir seu papel biológico que leva à frente a sua espécie. Em segundo, há o continuísmo do indivíduo através dos seus memes – espalhados por veículos como outros seres humanos, livros, filmes, entre outros – que conseguem dar fim à mortalidade do pensamento, ideias, práticas, gestos e quaisquer outras características individuais em que há a possibilidade de imitação. Todos os dois veículos – genes e memes – obedecem às leis da seleção natural (DENNETT, 1991, 200), fazendo desses dois replicadores algo abarcado pelo guarda-chuva explicativo do darwinismo universal, tão comum no pensamento neoateu. Apesar de Dennett já visualizar algumas possibilidades de imortalidades com a mistura entre humano e tecnológico, fenômeno conhecido como transhumanismo, a relação entre consciência humana e imortalidade através dessa via, ainda parece-lhe distante. Sendo assim, o neoateísmo apresenta as duas possibilidades de imortalidade que são pertinentes ao seu tempo, mas sem deixar de abrir espaço para inovações no futuro.

A morte dentro da perspectiva dos neoateus perde o seu caráter fatalista e de inexorável fim, tanto para o homem como espécie quanto para o indivíduo. A boa vida a se levar é aquela que continua de certa maneira após a morte, mas é claro, que isso muitas vezes não diz respeito a diversos indivíduos que não têm a chance de replicar genes e memes, seja por opção própria ou por casualidade. A imortalidade dentro do neoateísmo possui limites, mas também possui possibilidades, o que dá a esse movimento um caráter que foge do escopo da mera divulgação científica e traz seus seguidores para uma cosmovisão compartilhada; uma visão de todo. A morte não deixa de estar dentro dessa cosmovisão, e as narrativas de imortalidade, por mais deficientes que possam parecer, também não.

Referências

- AUNGER, Robert (ed.), *Darwinizing culture: the status of memetics as a science*, New York: Oxford University Press, 2000.
- BLACKMORE, Susan, *The meme machine*. New York: Oxford University Press, 1999.

- BURLEY, Mikel. Atheism and the gift of death. In: *Religious Studies*. Volume 48/Issue 04/ December, pp. 533 – 546, 2012.
- DAWKINS, Richard, *Desvendando o arco-íris: ciência, ilusão e encantamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.
- DAWKINS, Richard, *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DAWKINS, Richard, *O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.
- DAWKINS, Richard, *The devil's chaplain: selected essays*. Boston: Houghton Mifflin, 2003.
- DAWKINS, Richard, *The God delusion*. New York: Bantam Books, 2006.
- DAWKINS, Richard, *The viruses of the mind*. 1991. In: <http://www.positiveatheism.org/writ/dawkins4.htm>. Acesso: 15/07/2015.
- DENNETT, Daniel. *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*. São Paulo: Editora Globo, 2011.
- DENNETT, Daniel, *Consciousness explained*. New York: Back Bay Books/Little, Brown and Company, 1991.
- DENNETT, Daniel, *Darwin's dangerous idea: evolution and the meaning of life*. New York: Simon and Schuster Paperbacks, 1995.
- EAGLETON, Terry, *Reason, faith and revolution: reflecting on the God debate*. New Haven and London: Yale University Press, 2009.
- EPICURO, *Epicurus: Letters, Principal Doctrines, and Vatican Sayings*. New York: Palgrave Macmillan, 1964.
- FULLER, Steve. *Humanity 2.0: what it means to be human past, present and future*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- HARRIS, Sam, *The end of faith: religion, terror and the future of reason*. New York: W. W. Norton & Company, 2004.
- HARRIS, Sam, *The moral landscape: how science can determinate human values*. New York: Free Press, 2010.
- HITCHENS, Cristopher, *God is not great: how religion poisons everything*. New York: Twelve Books, 2007.
- HITCHENS, Cristopher, *Hitch-22: a história de um dos intelectuais mais admirados e controversos de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- LEDREW, Stephen. The Evolution of Atheism: Scientific and Humanistic approaches. In: *History of Human Sciences*. 25 (3), pp. 70-87, 2012.
- LEVINE, George. *Darwin loves you: Natural Selection and the Re-Enchantment of the World*. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1987.

- MOREIRA, Leonardo Vasconcelos de Castro, *Ainda encantados? Neoateísmo e desencantamento do mundo*. São Paulo: PUC-SP, Dissertação de Mestrado, 2014.
- MCGRATH, Alister. *Dawkins' God: genes, memes and the meaning of life*. Somerset, New Jersey: Blackwell Publishing, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: How One Becomes What One Is*. London: Penguin Books, 1979.
- SAGAN, Carl, *The demon-haunted world*. New York: Ballantine Books, 1997.
- SCHREMPP, Gregory, *The Ancient Mythology in Modern Science: a mythologist looks (seriously) at popular science writing*. Quebec: McGill-Queen's University Press, 2012.
- WILSON, Edward Osborne, *Sociobiology*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press, 1980.